

Res., Soc. Dev. 2019; 8(6):e32861064
ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i6.1064>

Naziazeno, um herói problemático: seu potencial pedagógico nas lutas sociais

Naziazeno, a problematic hero: his pedagogical potential in social struggles

Naziazeno, un héroe problemático: su potencial pedagógico en las luchas sociales

Recebido: 13/03/2019 | Revisado: 16/03/2019 | Aceito: 23/03/2019 | Publicado: 29/03/2019

Ciro Almeida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5230-2666>

Instituto Federal do Ceará (IFCE), Brasil

E-mail: ciroalmeida@aluno.unilab.edu.br

Solonildo Almeida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5932-1106>

Instituto Federal do Ceará (IFCE), Brasil

E-mail: solonildo@ifce.edu.br

Sandro César Silveira Jucá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8085-7543>

Instituto Federal do Ceará (IFCE), Brasil

E-mail: sandrojuca@ifce.edu.br

Simone Cesar da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0583-6240>

Instituto Federal do Ceará (IFCE), Brasil

E-mail: simonecesar@ifce.edu.br

Resumo

Este artigo analisa “Os ratos” de Dyonélio Machado, publicado em 1935. A obra foi enquadrada no que se convencionou chamar de romance de 1930. Ela trata de evidenciar as contradições no seio do mundo burguês. O pressuposto assumido foi de que para discutir a injustiça e a desigualdade social Machado forja um protagonista que não se encaixa em nenhum arquétipo, ou seja, um herói problemático, mencionados no trabalho de Lukács sobre romance moderno. Desse modo, o objetivo da investigação é gerar uma reflexão que promova o senso de justiça e de compreensão das dinâmicas da sociedade utilizando como eixo motivador a leitura do romance em tela. A hipótese de partida consiste de que o herói problemático, através de sua inadaptação vida urbana, denuncia o capitalismo. Metodologicamente, foi realizada uma revisão bibliográfica. Neste trabalho, optou-se por uma

abordagem qualitativa em função das questões que se colocam. Vale registrar que foi realizado uma revisão de literatura que tratam da temática da importância dos modelos sociais e do significado social da educação. Os resultados da pesquisa forneceram instrumentos de reflexão no que diz respeito à compreensão de que a educação não pode ser neutra, como bem sublinha a pedagogia freiriana. Este artigo concluiu que podemos através da literatura colaborar com um ensino que relacione os conhecimentos literários com os problemas sociais e a luta de classes.

Palavras-chave: Literatura; Educação; Herói; Sociedade.

Abstract

This paper analyzes "The rats" of Dyonélio Machado, published in 1935. The work was framed in what is conventionally called the 1930 novel. It concerns to evidence the contradictions within the bourgeois world. The assumed presupposition was that to discuss injustice and social inequality Machado forges a protagonist who does not fit into any archetype, in other words, a problematic hero, mentioned in Lukacs' work on modern novel. Thus, the aim of the research is to generate a reflection that promotes the sense of justice and understanding of the society's dynamics using as a motivating pillar the reading of the novel on screen. The starting hypothesis is that the problematic hero, through his unsuitable urban life, denounces capitalism. Methodologically, a bibliographic review was accomplished. In this study, it was opted for a qualitative approach based on the questions that are posed. It is worth mentioning that a literature review was done approaching the theme of the importance of social models and the social meaning of education. The research results provided tools for reflection on the understanding that education can not be neutral, as Freire's pedagogy emphasizes. This article concluded that we can through the literature collaborate with a teaching that relates literary knowledge to social problems and class struggle.

Keywords: Literature; Education; Hero; Society.

Resumen

Este artículo analiza "Los ratones" de Dyonelio Machado, publicado en 1935. La obra fue encuadrada en lo que se convenció llamar la novela de 1930. Ella trata de evidenciar las contradicciones en el seno del mundo burgués. El supuesto asumido fue que para discutir la injusticia y la desigualdad social Machado forja un protagonista que no encaja en ningún arquetipo, es decir, un héroe problemático, mencionados en el trabajo de Lukács sobre romance moderno. De este modo, el objetivo de la investigación es generar una reflexión que

promueve el sentido de justicia y de comprensión de las dinámicas de la sociedad utilizando como eje motivador la lectura del romance en pantalla. La hipótesis de partida consiste en que el héroe problemático, a través de su inadaptación de la vida urbana, denuncia el capitalismo. Metodológicamente, se realizó una revisión bibliográfica. En este trabajo, se optó por un enfoque cualitativo en función de las cuestiones que se plantean. Es importante señalar que se ha realizado una revisión de literatura que trata de la temática de la importancia de los modelos sociales y del significado social de la educación. Los resultados de la investigación proporcionaron instrumentos de reflexión en lo que se refiere a la comprensión de que la educación no puede ser neutral, como bien subraya la pedagogía freiriana. Este artículo concluyó que podemos a través de la literatura colaborar con una enseñanza que relacione los conocimientos literarios con los problemas sociales y la lucha de clases.

Palabras clave: La literatura; Educación; Héroe; La sociedad.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é gerar uma reflexão que promova o senso de justiça e de compreensão das dinâmicas da sociedade utilizando como eixo motivador a leitura do romance “Os ratos” de Dyonélio Machado, publicado em 1935. O romance foi enquadrado no que se convencionou chamar de romance de 1930 (SILVA, 2013, p. 6). Nesse sentido, pretende-se proporcionar algumas definições pedagógicas dos modelos sociopolíticos da educação e problematizar a divisão social do trabalho relacionando o ensino de literatura com a luta de classes.

O estudo entende que as relações de poder estão presente na realidade do adolescente e da “criança que vive entre grupos e entre valores dos diferentes grupos sociais de que participa. A dominação de certos modelos sociais em detrimento de outros reflete relações de força, portanto relações políticas” (CHARLOT, 2013, p. 29). A propósito disto, a “transmissão de modelos sociais é inevitável e necessária”, como bem salienta o referido autor quando trata da importância dos modelos sociais e do significado social da educação nas páginas do livro “A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação”, publicado em 1976 e traduzido no Brasil em 1979, em síntese, o livro traz temas muito atuais para dar resposta às novas realidades sociais, como: cultura, infância e educação, desenhando uma pedagogia social. A fim de esclarecer esta obra foi uma referência importante no momento da análise da luta de classes e dos fins sociais da educação. Assim, artigos sobre tal temática das realidades sociais, das estruturas, das lutas sendo integradas à

problemática pedagógica através do ensino de literatura colabora com um ensino que relacione os conhecimentos com os problemas sociais e a luta de classes.

Para tanto, é indispensável registrar que o estudo tomou do romance “Os ratos” (1935) o seu protagonista Naziezeno, funcionário público que necessita de cinquenta e três mil-réis para liquidar uma conta com o leiteiro que ameaça romper o fornecimento do leite, e nesse caso, parafraseando Artur Bispo dos Santos Neto, o importante para o leiteiro é que o valor adiantado retorne ao seu ponto de partida dotado de magnitude ampliada (SANTOS NETO, 2013, p. 92 e 93) e que sua mercadoria se converta novamente em dinheiro, deste modo, o protagonista sai pela cidade para cavar o dinheiro ao cabo de um dia para liquidar a conta do leite.

Examinando os fatos econômicos com um agudo senso crítico, Dyonélio Machado (demonstra alegoricamente as condições de vida e trabalho do proletariado brasileiro), este foi capaz de apanhar, na situação proletária, a dinâmica criativa do trabalhador urbano na Porto Alegre do começo do século XX.

Ainda, no tocante a narrativa, aqui e ali, observamos o comportamento de Naziuzeno Barbosa, que não se encontra salvo na sociedade capitalista, onde desempenha o papel de mercadoria, encontrando-se disperso e fragmentado, envolvido em ações cada vez mais humilhantes baseadas em homens de negócios que, na verdade são envolvidos em atividades suspeitas, esquemas ilegais e falcatuas.

E, aí, o mundo das ruas do protagonista é povoado de parasitas que transitam num ritual financeiro. As terríveis ações serão realizadas por ele, sozinho ou junto com Alcides e o Duque – como podemos constatar, através do seguinte trecho: “Daí que as andanças do anti-herói, sozinho ou junto com Alcides e o Duque, seus companheiros de demanda, sejam por locais vinculados ao ritual financeiro: o mercado e seu café anexo, onde corretores, biscateiros e mordedores entabulam negócios; o banco e a loja de penhores” (PAZ, 2009, p. 53).

Seguimos, assim, o proletariado, que se põe a movimentar-se no emaranhado da cidade portalegrense pela mais estrita necessidade, durante um único dia.

Ao mencionar aqui a cidade, nela está incluído a relação entre romance e cidade que deve ser pensada a partir da teoria literária, ela afirma claramente que “o romance surgiu nas cidades, e que é um fenômeno artístico visceralmente ligado ao incremento da vida urbana” (LIMA & FERNANDES, 2000 *apud* LIMA, 2008, p. 08), neste sentido na pesquisa foram tratados pontos focais sobre questões urbanas e as desigualdades sociais. Dessa forma,

a pesquisa tratou das sociabilidades na sociedade capitalista e seus sintomas sociais e psíquicos sobre a personagem.

Nesse prisma, é importante compreender que a pesquisa analisou as características na construção do protagonista, Naziazeno, que traz consigo sua degradação quanto a uma condição de herói problemático dentro do contexto histórico da década de 1930.

Com o objetivo de caracterizar o perfil do herói problemático e identificar como essas características intervêm na atitude do protagonista, é válido, mencionar o filósofo húngaro, Lukács, mencionado por Klauck (2009), é certo que “o romance moderno substitui a epopeia na sociedade atual, na medida em que as condições do mundo contemporâneo não permitem a construção de uma narrativa épica, caracterizada pela representação de heróis coletivos e de conquistas dos povos”.

No romance em causa podemos ilustrar, um mundo infestado de homens de mal caráter ideologicamente insignificantes e interessados apenas na sua sobrevivência, em seu bem-estar.

Nessa guerra social, temos indivíduos dispersos, que não se encaixam em movimentos ou regras morais, ou seja, “cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa o mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida” (ENGEL, 2008, p. 68).

Devemos acrescentar que encontramos no romance o comportamento de privação e miséria do herói problemático e procuraremos constatar que para, ele o mundo (no romance ‘Os ratos’) só existe em função do dinheiro, seu dia se reduz a conseguir dinheiro e a perdê-lo.

Eis o que se pode afirmar que a narrativa segue a jornada de Naziazeno e seus comparsas. Em sua visão crítica sobre o espaço da cidade, notamos que a sociedade capitalista de forma alegórica devoradora seus habitantes, como expressa José Antônio Cavalcanti, pesquisador e estudioso da obra de Dyonélio Machado. O pesquisador observa que: “A cidade assemelha-se a um monstro devorador dos seres que a viabilizam, assumindo-se, portanto, como espaço de irrealização pessoal e, como afirma o autor, a arquitetura tentacular, submete seus hóspedes a um rol interminável de pequenas tarefas inexpressivas e amesquinadoras da natureza humana” (CAVALCANTI 2008, p. 01).

Ao mencionar aqui o monstro devorador dos seres, nela incluo também “Cronos que devora seus filhos, Zeus, o caçula, consegue escapar e, por sua vez, se revolta contra o pai”, como bem nos lembrou Luc Ferry (2012).

E penso aqui em Naziazeno Barbosa – que não consegue escapar – de onde se pode inferir que o herói é um personagem dominado pelo meio, pelas circunstâncias e situações vividas, o que o torna incapaz de superar conflitos sociais ou psicológicos.

Configura-se, deste modo, a presença de um protagonista fraco, incompetente, humilhado, inseguro, inepto e quase sempre “atacado de envergonhada e paralisante ironia” (ARANTES, 2008, p. 26) em constante confronto com o mundo.

Naziazeno Barbosa é assinalado, pois, por uma postura paradoxal e seu perfil o qualifica como um herói da literatura moderna que não realiza proezas, no entanto quer realizá-las e não consegue devido sua estreita visão de mundo.

Do ponto de vista educacional, a leitura de a situação da protagonista Naziezeno – tornada tanto mais atual na medida em que a referência a fatos, como privação e miséria mostra-se absolutamente indispensável, sobretudo que “é preciso mostrar às crianças que os comportamentos humanos, inclusive em sua dimensão moral, têm um sentido social e refletem, não uma natureza do homem, nem mesmo apenas necessidades relacionais, mas certo tipo de organização social” (CHARLOT, 2013, p. 380).

De igual modo, é importante que as crianças e os jovens aos poucos tenham consciência de que, em certas sociedades, existe a privação e miséria e que a causa da miséria reside nas relações sociais vigentes, por exemplo, o Brasil em que há uma grande desigualdade social, ou seja, dados da Pnad Contínua elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgados em 2018 pelo Valor Econômico na reportagem de Bôas (2018) revelam que os “Ricos recebem 36 vezes acima da metade mais pobre da população”. Ainda segundo a reportagem, no Nordeste, a diferença chega a 44,9.

A importância dos dados está na necessidade de pensar no inquestionável crescimento da miséria no Brasil. Convém registrar, que na perspectiva de Fonseca (1995, p. 05) “a pobreza, a miséria, são possibilitadoras da fome, das doenças, do desemprego, do analfabetismo, de inversão nos papéis sociais capazes de alavancar à perversidade do trabalho precoce e suas consequências milhares de jovens em tempos de gozo da infância e da adolescência”. Vê-se, então, que a convivência com adultos e crianças de ambos os sexos nas ruas, consiste na revelação mais cruel da realidade brasileira.

É neste ponto que se afirma que, no Brasil e no mundo, há ainda hoje casos de privação, miséria e condições de vida profundamente desumanas, segundo o Estadão (2018) dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) o combate à fome no Brasil se estagnou, afirma reportagem. Na dimensão mundial, mais de 820 milhões de pessoas sofrem desnutrição crônica e os números estão crescendo.

(FAO, 2018). Visto isso, é possível associar a leitura do romance “Os ratos” (1935) com o sentido de compreensão do texto – e que poderia ser potencializada através dos problemas sociais e a luta de classes, com estudos e discussões sobre privação e miséria que contribuindo para a superação dessa problemática.

Para compreender suficientemente situação da classe trabalhadora, retratada no romance do escritor Dyonélio Machado, ao longo da investigação, o estudo aderiu a obra-prima de Friedrich Engels (1820-1895) que faz um desenho do proletariado inglês, onde o erudito simultaneamente apresenta uma denúncia e uma análise. Esse desenho primoroso tecido por Engels foi um dos principais fios condutores do trabalho.

Para falar com clareza: “o conhecimento das condições de vida do proletariado é, pois, imprescindível, para, de um lado, fundamentar com solidez as teorias socialistas e, de outro, embasar os juízos sobre sua legitimidade e, enfim, para liquidar com todos os sonhos e fantasias pró e contra”. (ENGELS, 2008 p.41).

A estratégia de pesquisa discutida neste texto procurou interpretar os comportamentos sócias presentes no romance “Os ratos” (1935), em termos gerais, através do estudo possamos compreender como o ensino de literatura colabora com um ensino que relacione os conhecimentos com os problemas sociais e a luta de classes; para poder penetrar no universo dos jovens, pensar pistas de educação que possibilite uma educação relevante para o educando, o que envolve “o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDB, 2017, p. 24).

Deste modo, a pesquisa teve por finalidades “produzir e sistematizar conhecimentos referentes ao ensino na Educação Básica que contribuam para o desenvolvimento da Educação Brasileira” (IFCE, 2017, p. 10) que a escola seja um espaço para o desenvolvimento humano holístico em que a educação ao longo da vida se baseie em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (UNESCO, 2010, p. 31).

2. Metodologia

Com o objetivo de oferecer fundamentos teóricos a este trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Nessa vertente, empreendemos uma fortuna crítica destacando os estudos acadêmicos a respeito da obra Dyonélio Machado.

Acrescentamos, também, que foi realizada uma revisão de literatura que tratam da temática da importância dos modelos sociais e do significado social da educação.

Acreditamos que pesquisa bibliográfica forneceu instrumentos de reflexão no que diz respeito à compreensão de que a “educação não pode ser neutra”, como bem sublinha Paulo Freire (1972). E a tudo isso é preciso acrescentar que reconhecemos que os temas presentes na obra Dyonélio Machado tratam da “angústia, animalização e perseguição política”, como lembra Santos (2017), é neste contexto que surge o debate sobre o significado social e político da educação, entendemos ser importante que tenhamos assegurado a fundamentação teórica sobre questões de cunho sociocultural antes da análise dos temas presentes na obra “Os ratos” (1935).

Considerando que a obra de ficção de Dyonelio Machado apresenta a situação da classe trabalhadora, representa alegoricamente, através de Naziezeno, funcionário público, protagonista de “Os Ratos”, optou-se em aderimos a obra-prima de Friedrich Engels (1820-1895) que faz um desenho do proletariado inglês. Nosso problema agora é saber como funciona exatamente a situação dos proletariados representados na ficção proposta em análise.

Ainda, em nossa revisão e análise bibliográfica sobre o romance “Os ratos” (1935), nós consideraremos a questão de que a narrativa se passa em um único dia do trabalhador, nesta perspectiva, é fundamental dizer que iremos tratar da relação entre o tempo de trabalho, a produtividade do trabalho e a emancipação humana em autores como Lukács, Marx e Santos Neto.

Dissemos aqui no início da introdução que “o romance surgiu nas cidades, e que é um fenômeno artístico visceralmente ligado ao incremento da vida urbana” (LIMA & FERNANDES, 2000 *apud* LIMA, 2008, p. 08), assim, para compreender suficientemente a relação entre romance e cidade ao longo de nossa investigação, é importante salientar que a arquitetura foi “o melhor chão para arte”, é o que exprime perfeitamente, por exemplo, romance “Corcunda de Notre Dame”, de Victor Hugo de 1832, no que toca a narrativa da obra literária “Os ratos” (1935) de Dyonelio Machado, o personagem Naziazeno movimentar-se no emaranhado da cidade que é chão para arte literária. Devemos acrescentar que pensamos que, nesta questão específica, o trabalho de Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima, publicado em 2008, é um bom caminho a seguir em relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria.

Dentro desse quadro, faremos também uma revisão bibliográfica com o objetivo de buscar respostas que a literatura e o pensamento social deram em relações entre campo e cidade, através do crítico marxista Raymond Williams (1921-1988), citado anteriormente, e que foi um crítico literário, ensaísta, romancista e professor de literatura nas universidades de Oxford, Cambridge e Stanford.

Na discussão deste tópico, afirmou-se que faríamos uma pesquisa bibliográfica, entendemos que, neste momento, à luz de, Antônio Carlos Gil, 2002, p. 44, que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, como se verifica, quando redigimos este artigo, procuramos da cobertura de uma gama de teóricos, apontando, assim, para Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima, Friedrich Engels, Georg Lukács, Karl Marx, Santos Neto, Paulo Freire, Raymond Williams, Luc Ferry e o escritor Victor Hugo que em suas obras abordaram, principalmente, questões políticas e sociais, os quais são indispensáveis para estudos históricos e uma investigação mais ampla, também, porque assim teremos oportunidade de discutir aprofundadamente com outras fontes bibliográficas sobre ideologias educacionais. Ademais, com a pesquisa bibliográfica apresentamos à análise das diversas posições acerca de apontar caminhos para o ensino de literatura que promova um senso de justiça e de compreensão das dinâmicas da sociedade utilizando como eixo motivador a leitura do romance “Os ratos”, publicado em 1935 de Dyonélio Machado. Por seu método e por seu objetivo, o trabalho que aqui apresentamos se dirigem ao desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico do educando. Através da hermenêutica, ou seja, da interpretação da obra, chegou-se aos resultados apresentados nas conclusões do artigo.

3. Referencial teórico

O presente texto, nomeadamente, faz uma referência às desigualdades sociais no Brasil, balizado pelas objetivações mais significativas do romance “Os ratos”, publicado em 1935 de Dyonélio Machado referente à organização social. O fecho desse desenvolvimento, que se delineará trata de evidenciar as contradições no interior do mundo burguês. O estudo acredita no pressuposto de que para discutir a injustiça e a desigualdade social Machado urde um protagonista que não se encaixa em nenhum arquétipo, ou seja, um herói problemático, analisando segundo Lukács.

A ordem pela qual examinaremos as diversas categorias dos heróis decorre da sua gênese, ou seja, das raízes antigas a que permanecem. Na cultura grega: “o herói que cumpre ações impensáveis para os simples mortais — como Aquiles, justamente, ou Ulisses, Hércules, Jasão... — escapa do esquecimento em que, em geral, se enterram os homens” (FERRY, 2012, p. 19).

E Feijó (1984), escrevendo o livro “O que é herói”, chegava à conclusão de que “na mitologia, o herói é divino”. Por exemplo, pode-se ir até mais longe e dizer que “os que

ajudam os deuses a restabelecerem a ordem e se tornam heróis”. (FERRY, 2008, p. 27). Há, sem dúvida, uma enorme soma de trabalho, sempre haverá alguma desordem a ser reparada, e é o próprio Ferry que o observa – algum monstro a ser combatido, alguma injustiça — alguma “injusteza” — a ser corrigida.

Como os heróis se diversificou na poesia épica ele é unidade de sentimento e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo”. (FEIJÓ, 1984, p. 62).

Assim, por exemplo, na Idade Média o ponto de partida foi sem dúvida marcado pelo tom heroico de suas novelas. É por isso que Feijó (1984) pôde escrever que “as novelas de cavalaria. Nelas, os cavaleiros andantes, armados até os dentes, salvavam as mocinhas do perigo, enfrentado dragões, reis malvados, e gigantes. ” É certo que, algumas novelas ostentavam uma finalidade moral-religiosa, assinalou Feijó, nesse caso, os heróis estariam em busca de algo sagrado, como, por exemplo, a taça com o sangue de Cristo, na Demanda do Santo Graal. ” (FEIJÓ, 1984, p. 68).

Assim, como escreve Schenkel (2009), a Demanda do Santo Graal, é uma continuação de Lancelot ou o cavaleiro da charrete e de Perceval ou o romance do Graal, em que a presença dos elementos cristãos vai aumentando gradativamente, e não seu oposto como afirma a maioria dos especialistas na matéria da Bretanha.

Claro, observa Luciana Schenkel, podemos considerar a matéria da Bretanha como o conjunto de histórias que envolve o Graal, a Távola Redonda, o rei Artur e demais cavaleiros que são seus companheiros e se envolvem em aventuras de todo tipo.

Não se deve esquecer ainda que nas epopeias medievais não aparecem apenas o diálogo estabelecido entre os heróis mitológicos e os recriados sob a forma de poesia (como a figura lendária do Rei Artur o rei Artur, Tristão, Lancelot, Parsifal, entre outros).

Mas, como bem sublinha Feijó (1984), tivemos, também personagens reais que aparecem na poesia transformados em heróis épicos (como o francês Roland, através da Canção de Roland; o germano Sigfrido, na Canção dos Nibelungos, o espanhol Rodrigo Dias de Bivar, na Canção de Meu Cid). ”.

Devemos acrescentar, por exemplo, parafraseando Lucas Bittencourt Gouveia (2010), que as gestas do final do século XI foi bastante explorada, muitas vezes com usos políticos, através do martírio dos seus cavaleiros, como é o caso de Roland em relações com a legitimação do combate contra os pagãos sarracenos que dominaram a Península Ibérica, ou seja, suas façanhas heroicas o expusessem a um fim prematuro. Em contrapartida, o herói da literatura moderna com sua humanização não realiza façanhas, como veremos a seguir.

Feijó (1984) dar uma narrativa detalhada e completa das condições do herói moderno, ele o definiu, a partir das características presentes no Quixote: “O herói é aquele que quer ser ele mesmo ou aquele que tem vontade de ser aquilo que na verdade não é. Ainda segundo a mesma fonte, o herói moderno não é o que faz a epopeia, mas o que a deseja. O herói da literatura moderna não realiza façanhas, mas quer realizá-las e não consegue” e sendo, portanto, desprovido de ações impensáveis para os simples mortais, tais como, por exemplo, Aquiles, Hércules, Teseu, Ulisses e Jasão, ou seja, “homens da idade heroica, seres tornados célebres por suas ações gloriosas e corajosas”, como bem salientou Ferry — e não anônimos.

E então, nesse caso, podemos falar da obscuridade do herói moderno, do que ocorre com Quixote, em que a confiança do herói épico em seu destino já traçado é substituída pela “ironia melancólica do herói romanesco” (PAES, 1990, p. 55) que ao sair em busca de aventuras este se acha perdido.

Assim sendo, segundo Gonçalves (2010, p. 69), o herói romanesco passa a contar cada vez mais consigo mesmo para colocar-se diante do mundo, já que a resignação de uma organização imanente passa a perder sua eficiência, deve-se concordar que, dentro da perspectiva aberta por Gonçalves, o herói moderno não encontram seu devido lugar no coração da ordem cósmica, tal como acontece com homens da idade heroica citados anteriormente que — são soldados, sem dúvida, mas, antes de tudo, são homens de honra, preocupados em respeitar os deuses e, finalmente, encontrar seu devido lugar no coração da ordem cósmica, como lembra Luc Ferry. Em outras palavras, a vivência da totalidade se dá de forma imediata, enraizado o homem em um mundo homogêneo, fechado e, portanto, pleno de sentido. (LUKÁCS, 2003, p. 03).

De modo oposto, os heróis problemáticos não possuem uma comunidade harmoniosa — um cosmos, esses personagens que vivem, tal como assinala o "jovem" Lukács Georg Lukács, em permanente confronto com o mundo.

Na verdade, o advento dos heróis problemáticos, ou ainda, o que Dostoievski classificou de “anti-herói” só foi possível porque o contexto social impedia que “um poeta grande e honesto” pudesse achar “em seu universo” um “herói positivo” (ARANTES, 2008, p. 95).

É nessa mesma perspectiva, Lukács trazer à luz no ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica que o romance, ou seja, a “epopéia da era burguesa” estaria desde o seu advento sob o signo do paradoxo. Georg Lukács demonstra no ensaio que o romance moderno se encontra “condenado à fragmentariedade e à insuficiência por um

substrato histórico-filosófico em que a “totalidade extensiva da vida” não mais está dada de forma palpável”. O ensaísta exprimiu ainda que a “imanência do sentido à vida” tornou-se problemática, ele de fato, é preciso reconhecer “não pode, por outro lado, renunciar à disposição para a totalidade”.

No romance “Os ratos” (1935) ao passar das páginas, compreendemos perfeitamente que Dyonélio Machado urde um protagonista com uma dimensão de anti-herói.

Neste caminho, os símbolos da página exprimem um protagonista Naziazeno Barbosa que vive “em permanente confronto com o mundo”, como citado anteriormente, dessa maneira, há muitos pontos secundários a serem observados no que se referi à interpretação do livro, aqui, a leitura a ser feita é, a de que o romance “Os ratos” (1935) trata das questões sociais e das questões referentes à problemática da sujeição e coisificação dos indivíduos, é preciso explicar aqui, em algumas palavras, o que talvez seja supérfluo para muitos leitores, desse modo, escreve Munoz (1985) a sujeição e coisificação assentam-se em “uma herança filosófico-ideológica que concebe o homem dividido em partes hierarquizadas e sobrepostas, às quais confere valores antagônicos”.

Se seguirmos por essa via, veremos a própria relação capitalista: de um lado o capitalista, de outro, o assalariado. Esse fato – de resto verificável diariamente – é demonstrado, por Karl Marx, e resgatado por György Lukács nas concepções esboçadas em História e Consciência de Classe (1923).

Concluo neste ponto, rapidamente, que ao observarmos o comportamento da sociedade capitalista em relação ao proletariado veremos que ela se caracteriza por relações sociais de dominação e também de subordinação.

Eis como estão as coisas! Desse modo, escreve o filósofo Almeida (2012): com a homogeneização do modo de produção capitalista, sob a égide da crescente especialização e da racionalização mecanizada do processo de trabalho, a humanidade, como muito bem percebeu o filósofo, foi organizada para produzir e satisfazer suas necessidades mediante o intercâmbio de mercadorias, colocando os indivíduos, que passaram a se relacionar como coisas, numa condição de enfrentamento e contemplação de suas atividades.

E é nesse sentido encontrados Naziazeno Barbosa, incorporado a fisiologia da organização burocrática. O herói é um personagem que perde “sua condição de humanidade e transformam-se em relações entre coisa” (LUKÁCS *apud* D’ANGELO, 2011, p.31), onde “os vínculos sociais são locais e temporários” (2006, p. 94).

Na busca incessante pelo dinheiro, nota-se no romance uma intensa e incessante movimentação de Naziazeno, um caminhar em círculos voltando para um ponto

fixo. Para Arrigucci Jr. (2000, p. 115), os passos de Naziazeno se emaranham, em repetido vaivém da repartição ao centro, na sua errância pelas ruas.

Nesse contexto, o romance “Os ratos” (1935) cria uma atmosfera viva e desconcertante da Porto Alegre da época. O escritor Dyonélio Machado nos conduz, assim, “ao núcleo da cidade moderna: os espaços onde o dinheiro tem sua sede”, como muito bem nos lembrou Arrigucci Jr.

Há muitos pontos a serem observados no romance. É possível reconhecer a sociedade como realidade no terreno do capitalismo. Através da poderosa metáfora dos ratos criada por Dyonélio Machado, somos desafiadas a refletir sobre os percursos de Naziazeno numa cidade periférica.

Outra contribuição importante que o romance trouxe foi a da importância da explicitação de sociedade da época, “pondo à mostra, a partir de suas classes menos privilegiada e num momento de crise aguda” (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115).

Cabe ainda apontar que a obra coloca em evidência o caráter trágico das economias à margem do capitalismo internacional. De modo mais, geral, nesse percurso, o romance demonstra o aprofundando nossa dependência externa, ou seja, “a desvalorização constante e secular da sua moeda, o pesadelo da inflação, que a cada noite rói o dinheiro duramente conseguido durante o dia” (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 115).

Acrescentemos que em “Os ratos” (1935), temos o tempo de trabalho no decorrer do texto, onde se observará um contexto temporal e social constituído pela massa de trabalhadores “despossuídos, aqueles que jamais chegaram ao status de proprietários ou capitalista, por sua situação não apenas social, mas funcional” (ZILBERMAN *apud* CARDOSO, 2013, p. 84).

Encontramos, pois, no personagem Naziazeno uma aproximação com a personagem Raaskolnikov, de Crime e Castigo (1866), de Fiódor Dostoiévski, uma vez que, é possível observar um acervo comum de temas e motivos para as obras dos escritores, ambos elegeram “os despossuídos” como bem sublinha anteriormente.

Segundo Gomes (2012, p. 81) a personagem Raskólnikov, por exemplo, é uma representação perfeita desta personagem com todas as suas complexidades, tormentos e inseguranças, resultado do meio capitalista e hostil em que vive o homem do século XIX.

Esse projeto de homem, definido em Crime e Castigo (1866), de Fiódor Dostoiévski, será também projetado na poderosa metáfora dos ratos baseando-se na condição humana e sua conduta.

Enfim, conforme a bibliografia permite observar existe uma interação entre os romances que mostram a existência do trabalhador completamente destituído dos meios de produção, como observa Santos Neto (2013, p.92), os meios de produção é elemento basilar à conversão de dinheiro em mercadoria e à transformação de capital-dinheiro em capital produtivo, no caso do romance, o problema assim colocado é, em última análise, o do sentido de que para o leiteiro o importante é que o valor adiantado retorne ao seu ponto de partida dotado de magnitude ampliada, tal como mencionado anteriormente.

Esse quadro, traçado até aqui, sobre romance e os personagens revela que ainda temos pela frente que percorrer caminho e para não nos perdermos em subtilezas até chegarmos a um acordo sobre um herói problemático: seu potencial pedagógico nas lutas sociais, vamos ao longo de minuciosas análises procurar rastrear mais alguns sinais importantes para a discussão, apoiado em estudos sobre o romance “Os ratos” (1935), Dyonélio Machado.

Assim, a respeito da investigação, é necessário lembrar, estão, que existe uma escassez de trabalhos acadêmicos a respeito da obra Dyonélio Machado. Em relação a este tema, é possível confirmar essa carência, através de uma fortuna crítica empreendida por Gonçalves (2010).

Este reconhecimento da insuficiência de trabalhos – justifica, o presente acréscimo de mais uma importante contribuição para a Literatura Brasileira enriquecendo a fortuna crítica de Dyonélio Machado.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), consultada em, 11/12/2018, foi identificado, através da busca simples com o verbete “Dyonélio Machado”, vinte trabalhos acadêmicos sobre Dyonélio Machado.

Os resultados da busca simples com o verbete “Dyonélio Machado” no BDTD foram transformados em um balanço por região do Brasil. No balanço têm-se que a região Nordeste e Norte possui uma ausência de pesquisa que trata especificamente de questões voltadas para Dyonélio Machado, ou seja, quanto à estratégia de busca utilizada no método foi a filtração através do verbete em questão.

Durante a pesquisa foi observado que a região Centro-Oeste que faz limite com todas as demais regiões do país recebeu 10% do percentual das produções acadêmicas relacionadas a obra de Machado e, todavia, a região Sul e Sudeste, prevalece uma estrutura com um maior número de produção, ou seja, 40% e 50% respectivamente, quanto utilizado da mesma estratégia de busca.

Diante destes resultados, é possível considerar que a Centro-Oeste e Sudeste sofreram algum grau de influência da cultura gaúcha. Os dados evidenciam que há um interesse dos pesquisadores em trabalhar com o romance do portalegrense Dyonélio Machado.

Todavia, os dados coletados revelaram uma profunda ausência de pesquisas no Nordeste e Norte, verificado pela discrepância entre o valor 0%, 0%, 10%, 40% e 50%.

- Centro-Oeste: 2 pesquisas
- Nordeste: 0
- Norte: 0
- Sul: 8 pesquisas
- Sudeste: 10 pesquisas

Ainda na seara da justificativa, uma vez que, os resultados apontam para o reconhecimento da insuficiência de trabalhos acadêmicos a respeito da obra Dyonélio Machado, é importante destacar também que na esfera do significado político da educação, o estudo se justifica pela relevância de trabalhar os problemas pedagógicos – “a escola em suas relações com a realidade social” e “a escola como meio educativo ligado às lutas sociais”, deste modo, o trabalho considera que “a educação é um fenômeno social, e suas finalidades devem ser, elas mesmas, sociais” (CHARLOT, 2013, p. 300), através da reflexão entre escola, sociedade, ensino de literatura e pedagogia a investigação se justifica pela tentativa de compreensão da dinâmica da própria sociedade.

No que diz respeito a dinâmica da sociedade, podemos acrescentar o trabalho de Aline Pereira Gonçalves, intitulado “O rato que vê, o olho que rói: um estudo multifocal de Os ratos, de Dyonélio Machado”, publicado em 2010. Tal pesquisa, resultante de uma dissertação, concentra-se no protagonista Naziazeno Barbosa.

O pesquisador abre novos vias de exploração da obra Dyonélio Machado, ao dividir o processo em três partes, ou seja, seus ensaios tratam da importância do escritor no cenário literário nacional até os dias de hoje, como também apresenta o foco crítico do romancista sob a sociedade brasileira da década de 1930.

Gonçalves (2010, p. 18), escreve que “a proposta do escritor gaúcho era a de, com sua literatura, estimular a reflexão e permitir uma ampliação dos horizontes humanos para uma apreciação crítica diante da sociedade e de seus valores cristalizados”.

Nesse sentido, as discussões nos conduzem invariavelmente, como se vê, a organização econômica da sociedade. A obra pode dar aos indivíduos a oportunidade de repensar as realidades sociais e ajuda-los a tornar-se um ser crítico e reflexivo.

Em suas páginas Dyonélio Machado trata do cenário sócio-econômico-político regional. Com efeito, ele imprime o intenso processo de urbanização e industrialização de Porta Alegre. De modo mais geral, é preciso lembrar que a literatura acaba assimilando importantes marcas representativas das mudanças em curso, como bem recorda Laferá citado por Gonçalves (2010, p. 22): [...] a literatura moderna está em relação com a sociedade industrial tanto na temática quanto nos procedimentos (a simultaneidade, a rapidez, as técnicas de montagem, a economia e a racionalização da síntese).

A literatura funciona, portanto, como uma ideologia; trata-se de pensar “função a literatura como agente da modificação de pensamento dentro da sociedade, a articulação da literatura com os propósitos ideológicos.” (GONÇALVES, 2010, p. 23).

Nesse sentido, o trabalho de Dyonélio Machado coloca-se como um tipo de livro de leitura que aproxima linguagem oral e literária, mas, todavia, utilizadas de forma cautelosa. Segundo Gonçalves (2010), “em muitos momentos, essa cautela acaba por torna o texto confuso, cansativo ou ainda acaba por lhe esvaziar muito do efeito expressivo”, mas, todavia, qualitativamente sua obra é capaz de denunciar “a sociedade cujas estruturas estariam baseadas na desigualdade e na exploração dos mais pobres pelos mais ricos”. (GONÇALVES, 2010, p. 23).

Certamente, às vezes é preciso estabelecer compromissos, no que diz respeito à distinção entre a sociedade real e a sociedade ideal etc., e é nesse sentido o papel literatura e de Dyonélio Machado e de outros escritores da geração de 30, foi gradativamente de “denunciar o subdesenvolvimento de um país que não poderia se equiparar aos modelos europeus simplesmente pelo enxerto de uma forma pronta, que muito pouco abarcava a realidade nacional.” (GONÇALVES, 2010, p. 23).

Enfim, não é necessário muito esforço para reconhecer essa posição, do autor, uma vez que a noção de consciência social fazia-se manifestar nas maiorias de suas produções literárias. A partir da leitura dos contos “Um pobre homem”, “Melancolia”, “As chagas”, “O Velho Sanches” e “Noite no acampamento”, Santos (2017) diz que o tema central do livro está interligado àquilo que, em seus estudos, definiu como “Uma poética da desilusão”.

Mas passemos agora a um outro exame detalhado do romance “Os ratos” (1935), Dyonélio Machado. Ao longo de minuciosas análises, Tatiana Tavares da Silva, 2013, procura rastrear a situação de Naziazeno Barbosa, categorizando-o como pobre diabo dentro

do contexto histórico da década de 1930. Em resumo, se pode perceber que a dissertação procura demonstrar através do romance a influência da urbanização das cidades para a classe média baixa sem posses.

Além disso, apoiado em estudos a pesquisadora traz em seu texto reflexões a respeito da organização social presente na obra “Os ratos” (1935). Desse modo, o estudo examinou as relações de favores que foram estabelecidas ao longo do romance. Por conta disso, Silva (2013) se empenhará em demonstrar “as relações de favor estabelecidas por uma camada da população que não conseguia se enquadrar dentro de uma nova ordem imposta pela sociedade moderna.” E, nesse sentido, este estudo centra perfeitamente o debate num personagem que se mostra como elemento de inadaptação as relações mediadas pelo dinheiro nas metrópoles.

E aqui cumpre mencionar outro trabalho intitulado “O pobre diabo no romance brasileiro” publicado, em 1990, texto de José Paulo Paes, como parte de um processo de análise. Sendo assim, o herói, que está representado no romance “Os ratos” (1935) apresenta as principais características do novo tipo de anti-herói na medida em que apresenta “a tensão entre o herói e o mundo, tensão que supunha certo equilíbrio de forças, desaparece.” Ainda nesse sentido, segundo o autor, este é forçado, como o herói desiludido, à aceitação das “formas de vida” que lhe são impostas pela sociedade. Nas palavras do autor, “o pobre diabo já não tem mais a força daquele para recuar sobre si e conservar intacta na alma, ainda que frustrada, a interioridade dos seus ideais”. (PAES, 1990, p. 50).

Nesse particular, há no romance em questão um pobre diabo frágil e malgrado que se vê sem outra perspectiva de futuro que não seja reiniciar a batalha perdida a cada manhã. E tanto é verdade que Naziazeno, personagem principal, consome o dia inteiro na busca incessante pelo dinheiro, que será roído pelo pesadelo da inflação, que a cada noite rói o dinheiro duramente conseguido durante o dia, como citado anteriormente, é à luz desse fato que retomando a palavra de Tatiana Tavares Silva, 2013, onde demonstra que se trata de um pobre diabo que não enxerga o trabalho como caminho para uma vida mais tranquila, pois prefere apoiar-se no favor e na solidariedade que os outros eventualmente possam ter para com ele – por isso, aqui também há uma classe real e equivalente aos despossuídos trabalhadores brasileiros, que “consomem hoje o que ganharam ontem.” (ENGELS, 2007, p.60). Em consequência de tudo isso, os homens trabalham a vida inteira e não tem uma vida muito calma e nem, muito menos, uma vida tranquila na sociedade capitalista do nosso tempo.

Na verdade, o romance “Os ratos” (1935), propõe estabelecer um quadro representativo das muitas agruras do sujeito moderno através do emprego recursos da linguagem cinematográfica. E é nesse sentido que Boaretto (2009) se baseia seus estudos sobre romance em tela. Partindo desse ponto de vista, este autor afirma que a busca aflitiva de Naziazeno representa as muitas agruras do homem na também opressiva sociedade capitalista do nosso tempo, nas palavras do autor, a simbologia da figura dos ratos remete-se aos indivíduos despossuídos no mundo urbano capitalista. Carla Tatiana Boaretto explica, no mesmo trecho da dissertação, que a figura dos ratos, neste contexto, também referir-se ao aniquilamento do indivíduo numa problemática que se estende à coletividade. Trata-se, portanto, do emprego de recursos da linguagem cinematográfica para dar conta de uma reconstrução miúda e angustiante do sujeito moderno, como bem salienta a estudiosa – como inferimos da proposta de Boaretto -, Dyonélio Machado, teve a árdua tarefa de estabelecer um trabalho dialógico, buscando a compreensibilidade dentro da linguagem cinematográfica, ou seja, é preciso assimilar a complexidade, a mensagem, já que no romance estão presentes inúmeros subsídios que são demonstrados ao público leitor, lembro aqui um pensamento de um grande filósofo russo, Mikhail Bakhtin, e há ainda que se recordar as várias “vozes”, pois compreender um romance, assim como ocorre no filme temos que “mobilizar uma gama de sentidos no âmbito da cultura.” (TURNER, 1997, *apud* CAMARGO JUNIOR, 2018, p. 30). E mais, segundo os estudiosos, devemos lembrar que, a complexidade que poderia ser percebida na projeção de um filme, em nosso caso o romance trata-se de uma visão de mão dupla, não seria compreendido e decifrado de modo simples com um foco parcial em uma linguagem atuante. No filme, então, como sublinha o estudo, a apreciação amplificada de todos os elementos utilizados para a construção da linguagem cinematográfica seria basilar para o entendimento e fruição total das significações obtidas. (TURNER, 1997, *apud* CAMARGO JUNIOR, 2018, p. 30).

Considerando essa proposição para visualidade em “Os ratos” (1935), para entrar plenamente no assunto podemos remetê-la a um realismo ilusório próximo do que observamos na literatura oriental, como bem observa Boaretto (2009, p. 68). Segundo a autora, é possível perceber que há aspectos visuais principalmente nos capítulos que tratam do delírio. Ela aponta ainda para o fato de que podemos observar um misto de devaneio/ realidade que permite essa interpretação, por meio dos aspectos visuais e imagéticos.

Ainda segundo Boaretto (2009) como você pode ver, a própria conceituação de montagem, de representação, o uso de recursos como planos paralelos, flashbacks, temporalidade, entre outros, o cinema buscou na literatura. Ou, dito de outra forma, a

pesquisadora aponta que na realidade, trata-se de uma visão de mão dupla, porque depois a literatura passa a buscar no cinema esses recursos que o cinema incorporou da literatura.

Apresentam-se ainda na dissertação de Boaretto (2009) algumas observações com relação à estética, nesse caso ouçamos o relato de Carla Tatiana Boaretto que aponta para a questão de a literatura e o cinema têm suas características própria. Haveria, nesse caso, segundo a autora, uma questão que se refere à origem de suas linguagens e à maneira de narrar, mas, ao mesmo tempo, o sentido narrativo cinematográfico e literário apresentam proximidade, expôs a autora.

Com efeito, se sabe que “um filme pode aproximar-se ou afastar-se mais ou menos do conjunto de elementos caracterizadores de cada um dos textos referidos”, é o que escreve Bello (2001), de acordo com o postulado estético, técnico com e existencial do seu realizador, finaliza Bello.

É sabido que uma obra cinematográfica conta histórias ininterruptas, ou seja, exprime coisas que poderiam do mesmo modo ser prestadas na linguagem das palavras; todavia ela é dita de modo diferente, como muito bem nos lembrou Christian Metz, existe uma razão para a possibilidade assim como para a necessidade das adaptações.

Acompanhando, o romance “Os ratos” (1935), observamos que Dyonélio Machado, busca nas técnicas cinematográficas, dar um caráter mais visual e sonoro ao romance, com diz Boaretto (2009). Foi, dessa forma, adotada recursos do cinema no romance em questão. Assim sendo, a pesquisa de Boaretto (2009) aponta a análise mais aprofundada e relevante para entendermos melhor o percurso cinematográfico no romance. A autora, diz que a influência dos recursos do cinema está fortemente marcada pelas descrições das cenas que aparecem entre parênteses. Na organização do romance, é possível notar, segundo a estudiosa na área, a escolha por um discurso narrativo que é bastante visual, ninguém poderá questionar isso porque a evidência existe no texto, por exemplo, a autora cita a constância da utilização dos verbos "ver", "assistir", entre outros. É o que se vê expressamente num “discurso narrativo chega ao leitor como se fosse resultado do trabalho de uma câmera, registrando tudo o que ocorre à volta de Naziazeno” (BOARETTO, 2009, p. 70). O que podemos concluir a respeito dessas questões relacionadas ao percurso cinematográfico, por exemplo, são que romance “Os ratos” (1935), pode nessa direção contribuir com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para que “cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. ” (BRASIL, 1997, p. 21), uma vez que estamos trabalhando uma

visão de mão dupla, porque depois a literatura passa a buscar no cinema esses recursos que o cinema incorporou da literatura, como mencionado anteriormente.

4. Resultados da pesquisa

Pode-se afirmar com certa confiança que a obra “Os ratos” de Dyonélio Machado, publicado em 1935 aponta um fluxo de críticas derivada do processo de modernização na Porto Alegre do começo do século XX. Fica claro também que esse processo traz implicações no cotidiano das pessoas, e é nesse sentido que é possível perceber que estas mudanças abrigam em si uma estrutura que muda a realidade social, cultural, com a geração de muitas contradições na vida das pessoas. Trata-se, portanto, de uma obra que foi capaz de sintetizar a situação do proletariado na Porto Alegre do começo do século XX no momento em que os trabalhadores, alegoricamente representados pelo protagonista Naziezeno, buscaram qualidade de vida nas cidades. É que, como já vimos, é explorado pelo mais forte que pisa o mais fraco, ou seja, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida, como já foi apontado por Friedrich Engels anteriormente. Em consequência de tudo isso, Naziezeno consome hoje o que ganhará ontem, tal como previsto pelo filósofo alemão.

Assim, além das questões relacionadas com o processo de modernização na Porto Alegre, observadas por nós, na maioria do romance, Dyonélio Machado, juntamente com uma linguagem movida pelas reflexões a respeito da organização social, o escritor procurou estabelecer um quadro representativo das muitas agruras do sujeito moderno através do emprego recursos da linguagem cinematográfica criando um instrumento adequado para dar um sentido polifônico ao romance. Nessa linha de discurso, “Os ratos” (1935) fala com clareza das condições de vida do trabalhador. Isso posto, seria correto afirmar que a provocação do professor em incentivar novos estudantes a estudar o romance seria de grande valia, uma vez que se verifica que o conhecimento das condições de vida do proletariado é, pois, imprescindível, como bem observou Engels, para, de um lado, fundamentar com solidez as teorias socialistas e, de outro, embasar os juízos sobre sua legitimidade e, enfim, para liquidar com todos os sonhos e fantasias pró e contra, tal como anteriormente apontado em nosso referencial teórico.

E na visão revolucionária igualitária de Paulo Freire, entre os pedagogos críticos, o romance de Dyonélio Machado, permite que alunos e professores sejam sujeitos de sua própria história, nessa linha de pensamento, conforme aponta Michael W. Apple e Wayne Au, tornam-se atores (e é um processo constante de tornar-se) capazes de olhar para a

realidade, refletir de maneira crítica sobre ela e empreender ação transformadora para mudá-la, profundando assim sua consciência para um mundo mais justo (COWEN; KAZAMIAS; ULTERHALTER (Orgs), 2012, p. 422). Assim, acreditamos que “Os ratos” (1935) em seu potencial pedagógico permite um ensino baseado na problematização e no diálogo, com a intenção de uma apreciação crítica diante da “sociedade e de seus valores cristalizados” presente na obra, como mostrou a pesquisa Gonçalves (2010).

5. Considerações finais

O maior intuito deste artigo foi apresentar reflexão que promova o senso de justiça e de compreensão das dinâmicas da sociedade e propor, para os professores, a construção de um cenário que utilizasse como eixo motivador a leitura do romance “Os ratos” (1935) de Dyonélio Machado. Cabe a nós, em nossa prática pedagógica convidar o aluno a tornar-se capaz de numa visão crítica sobre o espaço da cidade analisar a condição do herói problemático dentro do contexto histórico da década de 1930. Entender essas lutas do herói dominado pelo meio, pelas circunstâncias e situações vividas talvez, sirva de força para o aluno desafiar *status quo* no mundo à sua volta. Tendo em vista o que foi discutido anteriormente, os resultados da pesquisa forneceram instrumentos de reflexão no que diz respeito à compreensão de que a educação não pode ser neutra, como bem sublinha a pedagogia freiriana. Ainda, nota-se que artigo concluiu que podemos através da literatura colaborar com um ensino que relacione os conhecimentos literários com os problemas sociais e a luta de classes.

6. Referências

Almeida, R. R. de. (2012). *Reificação e totalidade à luz de história e consciência de classe* (1923) de György Lukács. 111 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11605>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

Arantes, A. C. (2008). *O estatuto do anti-herói: estudo da origem e representação, em análise crítica do Satyricon, de Petronio e Dom Quixote, de Cervantes*. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/acarantes.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Arrigucci Jr., D. (2000). *O cacto e as ruínas: A poesia entre outras artes*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. 160 p. (Coleção Espírito Crítico). Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/arrigucci-jr-d-o-cacto-e-as-ruc3adnas.pdf> >. Acesso em: 01 set. 2018.

Bello, M. D. R. L. (2001). *Narrativa literária e narrativa fílmica: o caso de Amor de Perdição*. Lisboa. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=189503>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Boaretto, C. T. (2009). *O discurso narrativo de Os ratos: a voz da crítica e a linguagem cinematográfica*. 112 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14910>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Bôas, B. V. (2018). IBGE: Renda do 1% mais rico é 36 vezes a média da metade mais pobre. *Valor Econômico*, São Paulo, p. 1-1, 11 abr. 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/5444749/ibge-renda-do-1-mais-rico-e-36-vezes-media-da-metade-mais-pobre>. Acesso em: 9 mar. 2019.

Brasil. LDB (1996). *Leis de diretrizes e bases da educação nacional: Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961*. Coordenação de Edições Técnica. Edição atualizada até março de 2017. ed. Brasília: Senado Federal, [Biênio 2017 – 2018]. 58 p. (Série Legislação Brasileira). Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

Brasil. S. d. E. F. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: 144p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

Camargo Junior, I. d. (2018). Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10852>>. Acesso em: 09 mar. 2019

Cardoso, F. J. d. (2013). *De dependentes a pobres diabos: um breve percurso da pobreza na literatura brasileira*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013, 131 p. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/81401/000904433.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Cavalcanti, J. A. (2008). *Na cidade dos homens invisíveis*, São Paulo: *Revista Travessias* número 02. Disponível em: <http://www.google.com.br/webhp?source=search_app&gws_rd=cr#bav=on.2,or.r_qf.&fp=cf6e7ea9e146a8a4&q=Na+cidade+dos+homens+invis%C3%ADveis+Cavalcantel>. Acesso em 01 set. 2018.

Charlot, B. (2013). *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação* / Bernard Charlot; tradução Maria José do Amaral Ferreira. Ed. rev. e ampl. ed. São Paulo: Cortez Editora, [(Coleção docência em formação: saberes pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta)]. 414 p.

Cowen, R., KAZAMIAS, A., & Ulterhalter, E. (2012) (Orgs). *Educação comparada: panorama internacional e perspectivas*. – Brasília: UNESCO, CAPES, 2v.

D'Angelo, M. (2011). *Saber-Fazer Filosofia: Pensadores Contemporâneos*. Aparecida, SP: Idéias & Letras. – (Coleção Saber-Fazer Filosofia 3)

Engels, F. (2008). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* / Friedrich Engels; tradução B. A. Schumann. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 383 p.

Estadão. (2018). Combate à fome no Brasil se estagnou, afirma ONU. *Revista EXAME*, São Paulo, p. 1-1, 11 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/combate-a-fome-no-brasil-se-estagnou-afirma-onu/>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

Feijó, M. C. (1984). *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense.

Ferry, L. (2012). *A sabedoria dos mitos gregos* [recurso eletrônico]: aprender a viver II / Luc Ferry; tradução Jorge Bastos. - Rio de Janeiro: Objetiva. recurso digital. [(Tradução de: La sagesse des mythes: apprendra à vivre 2)]

Fonseca, L. S. (1995). *Trabalho, conhecimento e fome: um olhar sobre um grupo de adolescentes, que faz de sua atividade na Ceasa/RS, uma estratégia de sobrevivência*. 1995. 188 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180587>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Freire, P. (1972). *Pedagogy of the oppressed*. London: Sheed & Ward. Disponível em: < http://www.msu.ac.zw/elearning/material/1335344125freire_pedagogy_of_the_oppressed.pdf> . Acesso em: 21 fev. 2018.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas. 175 p.

Gomes, I. F. (2012). Um estudo da personagem Raskólnikov da obra Crime e Castigo de Dostoievski. *Anais Eletrônicos do VI Colóquio de Estudos Literários*. FERREIRA, Cláudia C.; SILVA, Jacicarla S.; NOGUEIRA, Sônia R. (Orgs.) Diálogos e Perspectivas, Londrina (PR), 06, 07 e 28 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/ilson%20fernando%20gomes_luciana%20britto_versao%20final.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

Gonçalves, A. P. (2010). *O Rato que vê, o olho que rói: um estudo multifocal de Os Ratos, de Dyonélio Machado*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 109 p. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1716>. Acesso em: 01 set. 2018.

Gouveia, L. B. (2010). *Par penitence les cumandet a ferir: A legitimação do combate contra os pagãos na Chanson de Roland e na Chanson de Guillaume*. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24092010-115001/>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

IFCE, I. F. C. E. (2017). Campus Maranguape – CE. Curso de especialização Lato Sensu em Ensino na Educação Básica, no Centro de Referência do IFCE em Maranguape n. RESOLUÇÃO N° 115, de 27 de nov. de 2017. RESOLUÇÃO N° 115 DE 27 DE NOVEMBRO DE 2017. *Projeto Pedagógico – Curso de Especialização em Ensino na Educação Básica - Campus Maranguape*. Comissão de Elaboração: Fabiano Geraldo Barbosa; Joyce Carneiro de Oliveir. 2017. ed. Maranguape, v. 1, p. 1-27, nov. 2017. Aprova a criação do curso de Especialização Lato Sensu em Ensino na Educação Básica no Centro de Referência do IFCE em Maranguape. Disponível em: <<http://ifce.edu.br/instituto/documentos-institucionais/resolucoes/2017/115-17-aprova-criacao-do-curso-de-especializacao-em-ensino-da-educacao-basica-no-campus-de-maranguape.pdf/@download/file/115%20-%202017%20-%20Aprova%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20curso%20de%20Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Ensino%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20no%20campus%20de%20Maranguape.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Klauck, A. P. (2009). *O herói problemático de Georg Lukács: aplicação da teoria em Os ratos*, de Dyonélio Machado. Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 12, II Semestre: Revista Voz das Letras, 1990.

Lima, A. C. B. R. (2008). *A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria*. Arquitetura Revista, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 8-16, dez. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/5467>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Lukács, G. (2003). *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista/ Georg Lukács*; tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes. – (Tópicos).

Machado, D. (2004). *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Munoz, A. M. (1985). *Expressão do corpo e desenvolvimento pessoal*. 1985. Dissertação (Mestre em Educação) - Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Psicologia da Educação, Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/9125>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Paes, J. P. (1990). *Aventura literária: Ensaio sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras.

Paes, J. P. (1990). *O pobre diabo no romance brasileiro*. Novos Estudos CEBRAP. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/260587788/O-pobre-diabo-no-romance-brasileiro>. Acesso em: 01 set. 2018.

Paz, O. (2009). *Signos em rotação*, São Paulo: Perspectiva.

Santos Neto, A. B. dos. (2013). *Trabalho e Tempo de Trabalho: na perspectiva marxiana*. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács. 168 p.

Santos, M. R. d. (2017). *Memória Literária / Dyonelio Machado: Confronto permanente com a realidade*. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1313>. Acesso em: 01 set. 2018.

Schenkel, L. d. M. (2009). *A Demanda Do Santo Graal E Seus Entrecruzamentos*. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_11a7a44e1caa6e0c1416c2b873b362db. Acesso em: 09 mar. 2019.

Silva, T. T. d. (2013). *Pobre diabo, cidade e favor: uma análise de "Os Ratos"*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 131 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/88325>. Acesso em: 01 set. 2018.

Unesco, (2010). Representação no Brasil - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura. *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 2010. ed. Brasil: Publicado Pelo Setor de Educação da Representação da UNESCO No Brasil, Com O Patrocínio da Fundação Faber-Castell, 43 p. v. 1. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ciro Almeida da Silva – 25%

Solonildo Almeida da Silva – 25%

Sandro César Silveira Jucá – 25%

Simone Cesar da Silva – 25%